



**INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO:
UMA AVENTURA SOCIOMUSEOLÓGICA DESCOLONIAL NO ARQUIVO
HISTÓRICO DA EE DR. ALMEIDA VERGUEIRO - ESPÍRITO SANTO DO
PINHAL, SP, BRASIL**

Gisele de Cássia Morgão
CIVILIS/FE/UNICAMP, Brasil
giselemorgao@gmail.com

Maria Cristina Menezes
CIVILIS/FE/UNICAMP, Brasil
mcris@unicamp.br

RESUMO

O texto aborda o uso do inventário participativo articulado à metodologia sociomuseológica, no âmbito dos estudos da nova museologia, em projeto desenvolvido em uma escola pública centenária, Escola Estadual Dr. Almeida Vergueiro, em Espírito Santo do Pinhal, SP. A participação da comunidade escolar na identificação e registro de artefatos significativos, conectando memórias individuais e coletivas ao patrimônio histórico-educativo da instituição, abriu veredas ao desenvolvimento de novas práticas escolares. O projeto possibilitou o enriquecimento do arquivo histórico escolar em narrativas plurais com o intuito de ressignificar e valorizar laços identitários e afetivos, com o fortalecimento do senso de pertencimento em prática discursiva crítica decolonial.

Palavras-chave: Inventário participativo; sociomuseologia; perspectiva decolonial.

**INVENTARIO PARTICIPATIVO DEL PATRIMONIO HISTÓRICO-EDUCATIVO:
UNA AVENTURA SOCIOMUSEOLÓGICA DECOLONIAL EN EL ARCHIVO
HISTÓRICO DE LA EE DR. ALMEIDA VERGUEIRO - ESPÍRITO SANTO DO
PINHAL, SP - BRASIL**

RESUMEN

El texto aborda el uso del inventario participativo articulado con la metodología sociomuseológica, en el contexto de los estudios de la nueva museología, en un proyecto desarrollado en una escuela pública centenaria, la Escuela Estadual Dr. Almeida Vergueiro, en Espírito Santo do Pinhal, São Paulo - Brasil. La participación de la comunidad escolar en la identificación y registro de artefactos significativos, conectando las memorias individuales y colectivas con el patrimonio histórico-educativo de la institución, abrió caminos para el desarrollo de nuevas prácticas escolares. El proyecto permitió enriquecer el archivo histórico escolar en narrativas plurales con el fin de resignificar y valorar la identidad y los vínculos afectivos, con el fortalecimiento del sentido de pertenencia en la práctica discursiva crítica decolonial.

Palabras clave: Inventario participativo; sociomuseología; perspectiva decolonial.

**PARTICIPATORY INVENTORY OF THE HISTORICAL-EDUCATIONAL
HERITAGE: A DECOLONIAL SOCIOMUSEOLOGICAL ADVENTURE IN THE**



HISTORICAL ARCHIVE OF THE EE DR. ALMEIDA VERGUEIRO - ESPÍRITO SANTO DO PINHAL, SP - BRAZIL

ABSTRACT

The text addresses the use of the participatory inventory articulated with the sociomuseological methodology, in the context of the studies of the new museology, in a project developed in a centennial public school, Dr. Almeida Vergueiro State School, in Espírito Santo do Pinhal, SP - Brazil. The participation of the school community in the identification and recording of significant artifacts, connecting individual and collective memories to the institution's historical-educational heritage opened paths to the development of new school practices. The project made it possible to enrich the school historical archive in plural narratives in order to resignify and value identity and affective ties, with the strengthening of the sense of belonging in decolonial critical discursive practice.

Keywords: Participatory inventory, sociomuseology; decolonial perspective.

INVENTAIRE PARTICIPATIF DU PATRIMOINE HISTORIQUE-ÉDUCATIF: UNE AVENTURE SOCIOMUSÉOLOGIQUE DÉCOLONIALE DANS LES ARCHIVES HISTORIQUES DE EE DR. ALMEIDA VERGUEIRO - ESPÍRITO SANTO DO PINHAL, SP - BRÉSIL

RÉSUMÉ

Le texte aborde l'utilisation de l'inventaire participatif articulé avec la méthodologie sociomuséologique, dans le cadre des études de la nouvelle muséologie, dans un projet développé dans une école publique centenaire, l'école publique Dr. Almeida Vergueiro, à Espírito Santo do Pinhal, SP - Brésil. La participation de la communauté scolaire à l'identification et à l'enregistrement d'artefacts significatifs, reliant les mémoires individuelles et collectives au patrimoine historique-éducatif de l'institution, a ouvert la voie au développement de nouvelles pratiques scolaires. Le projet a permis d'enrichir l'archive historique de l'école en récits pluriels afin de resignifier et de valoriser l'identité et les liens affectifs, avec le renforcement du sentiment d'appartenance dans la pratique discursive critique décoloniale.

Mots-clés: Inventaire participatif ; sociomuséologie ; perspective décoloniale.

INTRODUÇÃO

O patrimônio histórico-educativo tem ganhado destaque como um campo fundamental para a preservação de memórias e identidades escolares em contexto no qual práticas educativas inovadoras são cada vez mais demandadas. Contudo, as abordagens usualmente utilizadas, na preservação dos artefatos históricos educativos, por vezes secundarizam o papel ativo que as comunidades escolares podem desempenhar na construção e manutenção dos acervos históricos que compõem o patrimônio educativo guardado em instituições escolares. Esse estudo buscou



dialogar com o patrimônio escolar em seu contexto de origem em prática compartilhada entre sujeitos escolares.

Nesse texto objetiva-se recuperar aspectos de um percurso pelos meandros do Memorial Escolar, também chamado de Arquivo Escolar, Museu, Sala Museu, enfim, espaço de vozes plurais, incertas, que aos poucos vão ganhando rumo em direção a novos saberes e entendimentos em encontro com a cultura material escolar interrogada. Um percurso de ressignificação dos acervos escolares abordados em suas instituições de origem.

Práticas inclusivas permitem que o patrimônio seja abordado para além de repositório de objetos antigos, mas como um campo dinâmico que reflete experiências, identidades e histórias vividas por sujeitos que integraram e integram as instituições escolares.

Nesse contexto, a opção pela prática do inventário participativo, visando a preservação e o estudo dos acervos, contidos no Arquivo Histórico da escola supracitada, mostrou-se desafiadora e apresentou inovações aos olhos daqueles que a prescrutaram. Essa abordagem do patrimônio, aliada aos princípios da sociomuseologia, agrega estratégias educacionais que podem promover uma educação patrimonial para além da simples preservação dos objetos. O objetivo se prolifera, são objetivos, não se trata de apenas proteger o passado, mas de fomentar a construção contínua de novos saberes, de estimular o diálogo, problematizar.

A problematização nesse campo, diante de artefatos históricos carregados de histórias, memórias de sujeitos e vestígios de práticas, remete ao aporte de outras possibilidades para o entendimento da situação policrônica que se apresenta.

Primeiramente, o encontro, a apresentação dos sujeitos envolvidos no projeto e a forma de abordagem da cultura material escolar. Após trazer as ações propostas no interior da instituição escolar e a preocupação com a conservação dos objetos não como prática isolada, mas vivenciada de forma participativa no âmbito de uma nova museologia. Em seguida, faz-se necessária a discussão do que se entende como nova museologia, bem como a problematização que se foi sentindo necessária a partir da consideração, no desdobrar das ações, dos estudos descoloniais.

O ENCONTRO - SUJEITOS ENVOLVIDOS – AÇÕES PROPOSTAS

No Arquivo Histórico da Escola Estadual Dr. Almeida Vergueiro, instituição inaugurada em 1897 como Grupo Escolar na cidade de Espírito Santo do Pinhal, SP, a proposta de inventário participativo foi aplicada como uma estratégia educativa e sociomuseológica. Como parte das atividades, os alunos matriculados no quinto ano do ensino fundamental – anos iniciais



- participaram de um exercício reflexivo por meio de um questionário que abordava questões centrais sobre memória e patrimônio. O objetivo era explorar suas concepções iniciais sobre temas relevantes para o processo de musealização e a valorização do patrimônio histórico-educativo.

Um questionário, de sondagem inicial, convidou os alunos a refletirem e responderem as seguintes questões: *O que é memória? O que são lugares de memória? O que é musealização? Qual a importância de um museu?*

FIGURA 1 – Questionário inicial para levantamento prévio sobre os saberes que envolvem musealização e espaços de memória.

Handwritten responses to the initial questionnaire:

NOME: [redacted] DATA: 16/09/2023 SÉRIE/ANO: 5^ªC

- O QUE É MEMÓRIA?
R: MEMÓRIA É ALGO QUE AGENTE LEMBRA A MUITO TEMPO OU A DIAS QUE TAMBÉM PODEM SER ANOS ou DÍZES

- O QUE SÃO LUGARES DE MEMÓRIA?
R: LUGARES EM QUE VOCÊ VAI E SE DIVERTE MUITO ou POUCO E ACABA CRIANDO UMA MEMÓRIA SOBRE AQUELE LUGAR

- O QUE É MUSEALIZAÇÃO?
R: ALGO QUE FOI ou É IMPORTANTE PARA UMA PESSOA ou VÁRIAS E TAMBÉM TEVE MUITAS ou UMA HISTÓRIA E ACABA SENDO ENCONTRADO E VAI PARA UM MUSEU.

- QUAL A IMPORTÂNCIA DE UM MUSEU?
R: MEMORIZAR ALGUMA COISA IMPORTANTE, PARA QUE POSSA MANTER A HISTÓRIA DESSE OBJETO, ROPA ou LIVRO como EXEMPLOS

Fonte: acervo pessoal.

FIGURA 2 – Questionário inicial para levantamento prévio sobre os saberes que envolvem musealização e espaços de memória.

Handwritten responses to the initial questionnaire:

E.E. Dr. Almeida Biquini
Nome: [redacted]
Série/Ano: 5^ª ano C / Data: 16/10/2023
Local: Espírito Santo do Pinhal - SP

- O que é memória?
R: É um momento bem de quem que guardamos na nossa mente

- O que são lugares de memória?
R: Lugares de memória são lugares onde as memórias acontecem. Toda sua memória começa em casa. Pode ser em restaurantes, em casa e escola.

- O que é musealização?
R: Alguém que faz para o museu e não destrói sua memória

- Qual a importância de um museu?
R: É importante de quem manter e guardar a memória de quem e alugar de memória sua ou de outras pessoas ex: fotos, cartões e outros

Fonte: acervo pessoal.



As respostas evidenciaram uma diversidade de percepções, revelando as experiências e os entendimentos que os alunos traziam de seus contextos pessoais e escolares. Muitos associaram memória às recordações de momentos importantes, enquanto os lugares de memória foram descritos como espaços onde essas recordações são preservadas e compartilhadas.

Ao discutir musealização, foi possível abordar reflexão sobre o ato de transformar objetos e histórias em testemunhos culturais, destacando o ato de organizar e compartilhar conhecimentos. Sobre a importância de um museu, emergiram ideias ligadas à preservação da história, ao aprendizado coletivo e à criação de um senso de pertencimento à comunidade.

A aplicação do questionário permitiu que os estudantes conectassem conceitos teóricos à prática vivenciada no projeto, estimulando uma compreensão mais profunda sobre os processos de memória e patrimonialização, promovendo um diálogo crítico articulado às percepções individuais e ampliando o entendimento coletivo sobre o papel da memória e dos museus na sociedade.

Além da proposição inicial, cada aluno foi convidado a selecionar um artefato que considerasse significativo à sua trajetória escolar. Os participantes foram convidados a identificar objetos e documentos que considerassem significativos, articulando memórias pessoais e coletivas. Esse processo ampliou as narrativas patrimoniais, incorporando histórias e perspectivas antes secundarizadas no desenvolvimento do acervo. Esse momento envolveu reflexões sobre os objetos que carregam memórias, afetos e histórias vividas no ambiente escolar, proporcionando uma conexão mais profunda com o patrimônio histórico-educativo.

Após a escolha do artefato, cada aluno preencheu uma ficha catalográfica simples. Nessa ficha, foram registradas as características intrínsecas e extrínsecas do objeto. Entre as informações extrínsecas, os alunos descreveram elementos como material, cor, dimensões e estado de conservação. Nas características intrínsecas, destacaram o contexto de uso, a função do artefato no ambiente escolar e as memórias pessoais associadas a ele.



FIGURA 3 – Ficha catalográfica preenchida após a escolha do objeto para a composição do novo acervo colaborativo.

Musealização e Inventário Participativo da "Sala Museu" da E.E. Dr. Almeida Vergueiro

Tipologia: MATERIAL ESCOLAR/TESOURA

Descrição extrínseca e Estado de Conservação: MUNDO BONÉ BEM CONSERVADO SEM FENÔMENOS ABRANDOS TESOURA UNAS DE PLÁSTICO E METAL.

Motivos que levaram pela escolha do objeto para compor o acervo da "Sala Museu" da E.E. Dr. Almeida Vergueiro:

EU TROUXE ESSA TESOURA POR QUE TENHO MUITO CARINHO POR ELA, ELA ME MANTEM MUNDO DESDE O PRIMEIRO ANO NA ALMEIDA E QUERO QUE ELA SEJA BEM CONSERVADA AQUI NA ESCOLA

Importância da "Sala Museu" da E.E. Dr. Almeida Vergueiro: IMPORTÂNCIA DA SALA MUSEU É IMPORTÂNCIA DA TESOURA ESPERO QUE ELA SEJA BEM CONSERVADA NA MUSEU E E DR ALMEIDA VERGUEIRO E QUERO QUE TODAS AS CRIANÇAS VEJAM E SAIBAM QUANTO ELA É IMPORTANTE PARA A MIM

Responsável pela doação do objeto para o acervo da "Sala Museu" da E.E. Dr. Almeida Vergueiro:

Série/Ano: 5º ANO C

Local/data: 09/12/23 ESPÍRITO SANTO DO PINHO, SP

Fonte: acervo pessoal.

FIGURA 4 – Ficha catalográfica preenchida após a escolha do objeto para a composição do novo acervo colaborativo.

Musealização e Inventário Participativo da "Sala Museu" da E.E. Dr. Almeida Vergueiro

Tipologia: VESTUÁRIO/UNIFORME/CAMISETA

Descrição extrínseca e Estado de Conservação: CAMISETA BRANCA/CINTO DA ESCOLA E.E. DR ALMEIDA VERGUEIRO EM AZUL
Estado de Conservação: Bom

Motivos que levaram pela escolha do objeto para compor o acervo da "Sala Museu" da E.E. Dr. Almeida Vergueiro:

PARA AS FUTURAS SITUAÇÕES DA ESCOLA E.E. DR ALMEIDA VERGUEIRO VEREM COMO ERA O NOSSO UNIFORME EM 2023.

Importância da "Sala Museu" da E.E. Dr. Almeida Vergueiro: PARA GUARDAR AS MEMÓRIAS DOS ALUNOS DOS PROFESSORES E DOS DIRETORES E PARA GUARDAR DOCUMENTOS, LIVROS, INSTRUMENTOS, LIVROS E MATERIAIS DIVERSOS NO PATUJO

Responsável pela doação do objeto para o acervo da "Sala Museu" da E.E. Dr. Almeida Vergueiro:

Série/Ano: 5º C

Local/data: 11/01/2023

Fonte: acervo pessoal.



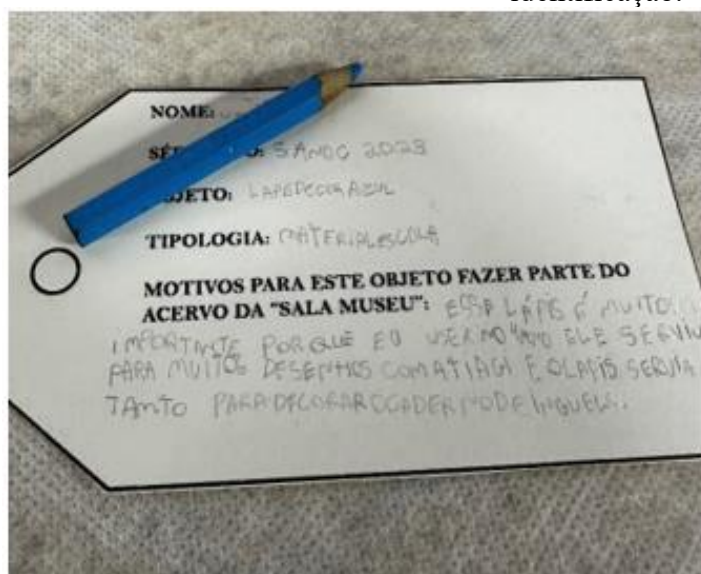
Posteriormente, os dados reunidos na ficha catalográfica foram sintetizados em um pequeno documento, similar a uma etiqueta museológica. Essa etiqueta, anexada ao artefato, apresentava um resumo das informações mais relevantes, como tipologia e motivações para a escolha daquele objeto. Esse processo não apenas deu visibilidade ao objeto escolhido, mas também promoveu a valorização do significado agregado à trajetória escolar de cada aluno.

Após o processo de escolha e catalogação dos artefatos, juntamente com as reflexões promovidas pelo questionário, os objetos selecionados pelos alunos passaram a integrar acervos ressignificados. Acervos compostos por itens representativos das trajetórias escolares, memórias afetivas e histórias compartilhadas, evidenciando a pluralidade e a riqueza do patrimônio escolar em seu aspecto material e imaterial.

Os artefatos foram expostos em um espaço reservado ao arquivo histórico da escola, que recebeu o nome de Sala Museu. Esse ambiente foi pensado para ser um lugar de salvaguarda de toda materialidade histórica-educativa da escola centenária, como também um local de memória viva, onde os objetos, acompanhados de suas etiquetas descritivas, contarão novas histórias e instigarão novas reflexões e representatividades.

Esse espaço, colaborativamente constituído, passou a simbolizar um compromisso contínuo com a valorização das vivências escolares, tornando-se um local de aprendizagem, pertencimento e diálogo intergeracional.

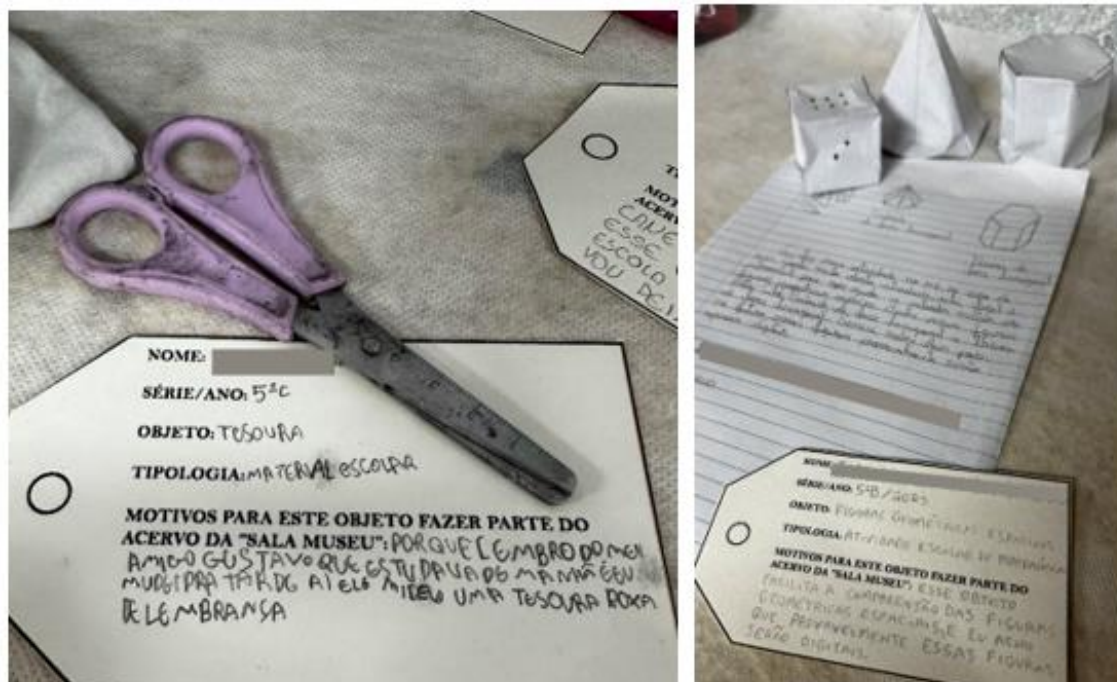
FIGURAS 5 e 6 – Objeto/Artefato selecionado para composição do acervo e sua etiqueta de identificação.



Fonte: acervo pessoal.



FIGURAS 7 e 8 – Objeto/Artefato selecionado para composição do acervo e sua etiqueta de identificação.



Fonte: acervo pessoal.

FIGURAS 9 e 10 – Objeto Artefato selecionado para composição do acervo e sua etiqueta de identificação.



Fonte: acervo pessoal.

O impacto dessa prática foi além da ampliação dos acervos ao promover a valorização das identidades locais, incentivando uma reflexão crítica sobre o papel do patrimônio na formação dos sujeitos. Ao escolherem os objetos, para a composição do inventário, os participantes não apenas resgataram o passado, mas também ressignificaram seu vínculo com a escola e com a comunidade. Essa relação afetiva de compartilhamento de saberes e



descobertas fortalece o senso de pertencimento e estimula uma postura mais ativa na preservação e valorização das memórias articuladas às histórias escolares.

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO, NOVA MUSEOLOGIA E PERSPECTIVA DESCOLONIAL: AMPLIAÇÃO DE VOZES E PLURALIDADE DE NARRATIVAS

O inventário participativo ao abrir diálogo à problematização do passado, a partir do presente, sem, entretanto, se descuidar à tentação anacrônica, suscita a perspectiva descolonial ao desafiar as hierarquias e exclusões que tradicionalmente caracterizam as práticas patrimoniais educacionais em países colonizados, nos quais a colonialidade persiste culturalmente em processo de subjetivação dos sujeitos. Ele reconhece e valoriza as vozes dos sujeitos escolares, promovendo uma narrativa plural e inclusiva. Essa abordagem reflete um compromisso com a justiça social e a diversidade cultural, alinhando-se aos princípios da sociomuseologia.

A Sociomuseologia objetiva visibilidade para esses grupos historicamente subalternizados, não apenas na vida social, mas também nas instituições de memórias, nos museus comunitários, nos museus de Arte, de Ciências, de História, entre outros. Não importa a tipologia nem o espaço físico do museu, mas, sim, a intencionalidade que respalda a sua relação com a sociedade. “Esta Sociomuseologia expressa uma prática museológica multifacetada, onde coexistem conceitos que expressam desafios e objetivos que ganharam forma em tempos diferentes, e deram voz a diferentes estratos sociais e diferentes projetos societais”. (Pasqualucci *et al.*, 2022, p.332-333).

A educação patrimonial aliada à crítica do currículo escolar eurocêntrico incrustado aos artefatos históricos educativos abrigados em instituições centenárias, como no caso do projeto vivenciado na EE “Dr. Almeida Vergueiro”, a partir de uma perspectiva descolonial, contesta uma visão hegemônica eurocêntrica e elitista das relações entre patrimônio e sociedade. No caso do patrimônio histórico-educativo, essa perspectiva desafia estruturas hegemônicas e eurocêntricas que, historicamente, moldaram a gestão desse patrimônio cultural. Essa abordagem valoriza as experiências, os saberes e as memórias de grupos marginalizados ou silenciados nas narrativas oficiais.

A aplicação do inventário participativo, alicerçada pela perspectiva descolonial, não apenas reconhece a existência de memórias dormentes nos objetos escolares, mas também cria espaço para novas narrativas, construídas de forma coletiva e dialógica. O envolvimento dos sujeitos escolares, em especial alunos e professores, expande os sentidos atribuídos ao



patrimônio guardado que clama pela descoberta e libertação de suas potencialidades ao se aproximar das experiências contemporâneas. É o inventário participativo presente como ferramenta ponte à democratização do acesso ao patrimônio, enfatizando a importância de múltiplas visões e interpretações sobre os bens culturais.

Esse movimento, alinhado às reflexões de pensadores como Paulo Freire (2021) e Aníbal Quijano (2005), expõe a colonialidade presente nos processos de educação e gestão patrimonial. Ele reconhece que as práticas de preservação não podem ser dissociadas das dinâmicas de poder e das hierarquias que historicamente excluíram saberes e identidades não hegemônicas. Nesse sentido, o inventário participativo contribui para uma educação patrimonial comprometida com a construção de uma memória coletiva, que se quer inclusiva e representativa de vozes que encontram espaço para serem ouvidas e valorizadas.

Refletir sobre narrativas patrimoniais e currículo e buscar contribuições para os debates sobre algumas disputas de poder que configuram construções de conhecimentos, de memórias e de identidades implica confrontar conhecimentos instituídos. Este confronto, que revela a complexidade das relações e a perplexidade dos acontecimentos, capaz de transgredir, mas talvez insuficiente para superar em curto prazo o domínio das epistemologias do Norte carrega consigo memórias do futuro para a construção de conhecimentos prospectivos que, por sua vez, podem afirmar as epistemologias do Sul, e, nessa perspectiva, refundar criticamente práticas patrimoniais e curriculares. (Pasqualucci; Saul, 2022, p. 42).

O conceito de colonialidade traz a ideia da Modernidade e do seu lado mais escuro, trata-se da colonialidade que surgiu com a história das invasões europeias, com a formação das Américas, do Caribe e do tráfico de africanos escravizados. A colonialidade é constitutiva da Modernidade, que não existe sem a colonialidade. A América foi inventada, mapeada, apropriada e explorada sob a bandeira da missão cristã. A América não se encontrava à espera para ser “descoberta” (Mignolo, 2017).

A educação patrimonial, quando abordada a partir de perspectiva descolonial, revela-se uma estratégia poderosa para uma outra concepção do patrimônio e sua materialidade. Ela revela uma leitura do patrimônio cultural que valoriza a diversidade de narrativas, incentivando reflexões sobre a história e as identidades coletivas da comunidade escolar. Nesse sentido, o inventário participativo assume um papel central na articulação entre memória, identidade e educação.



SOCIOMUSEOLOGIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: NOVAS POSSIBILIDADES AO ESTUDO DO PATRIMÔNIO ESCOLAR

A sociomuseologia, desenvolvida a partir das reflexões da Nova Museologia, inaugura uma abordagem transformadora no campo do patrimônio cultural. Distanciando-se de práticas tradicionais, que priorizam a preservação material e a visão tecnocrática, a sociomuseologia coloca em evidência as relações sócio-históricas, políticas e culturais que envolvem os bens patrimoniais. Ao adotar um olhar mais inclusivo e engajado, a sociomuseologia reconhece o patrimônio como um espaço de diálogo e construção de saberes compartilhados.

A sociomuseologia, como abordagem mais ampla e inclusiva, redefine o papel dos museus e arquivos escolares, integrando as dimensões sociais, políticas e culturais de suas práticas. Na América Latina, ela foi apropriada pelos movimentos sociais e pela pedagogia crítica de Paulo Freire, enfatizando a educação dialógica e emancipadora. Nesse cenário, o inventário participativo se destaca como ferramenta pedagógica com possibilidade de promover a construção coletiva de memórias e saberes, em contraponto a práticas verticalizadas.

A Sociomuseologia não é uma nova forma de denominar a Nova museologia, mas antes deve ser compreendida como uma abordagem multidisciplinar do fazer e do pensar da museologia, entendida como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e econômica, tendo por base a interdisciplinaridade com as demais áreas do conhecimento. (Primo; Moutinho, 2020, p. 25).

No contexto da sociomuseologia, o inventário participativo não se limita à catalogação de objetos. Ele promove um exercício de cidadania, incentivando a apropriação social do patrimônio e a construção de narrativas compartilhadas. Essa abordagem contribui para a valorização de memórias plurais, fortalecendo os vínculos entre a comunidade e seu acervo histórico, enquanto desafia hierarquias de poder associadas à gestão vertical do patrimônio.

O inventário participativo, aplicado ao patrimônio histórico-educativo guardado na instituição escolar, desafia a lógica convencional de salvaguarda ao valorizar a participação dos sujeitos escolares na seleção, interpretação e preservação de seus acervos. Essa prática estimula o reconhecimento do arquivo escolar como um espaço dinâmico de construção de identidades e significados, superando o conceito estático de "memória oficial". Além disso, possibilita a integração de novos objetos e narrativas, enriquecendo o acervo com perspectivas múltiplas e representativas.



No ambiente escolar, esses princípios ganham vida ao estabelecer conexões significativas entre os acervos e os sujeitos escolares. A leitura crítica do patrimônio estimula a reflexão sobre sua relevância histórica, cultural e identitária. Além disso, a educação patrimonial incorpora a dimensão afetiva, fortalecendo os laços entre a comunidade e o seu acervo.

[...]os processos educativos devem ser construídos de forma coletiva e dialógica, democrática e horizontalmente, na perspectiva de que o patrimônio cultural não pode ser imposto ou outorgado ao outro, de cima para baixo, na mesma medida em que “ensinar não é transferir conhecimento” (Freire, 1996, p.22). [...] o patrimônio cultural deve ser apropriado socialmente, respeitando os diferentes olhares, saberes e cosmovisões das pessoas com quem lidamos. Só assim podemos conseguir o reconhecimento, valorização e preservação de suas referências culturais mais importantes, que estão atreladas à formação das identidades e memórias coletivas de distintos grupos sociais. (Tolentino, 2022, p. 108).

A prática de inventário, que se buscou participativo, desenvolvida no arquivo histórico da Escola Estadual Dr. Almeida Vergueiro – antigo grupo escolar - reflete a tentativa de criar laços mais profundos entre os sujeitos escolares e o patrimônio histórico existente. Ao se fugir da mera transmissão de conhecimento, como colocado por Paulo Freire [...], apostou-se pelo compartilhamento de saberes entre os sujeitos, em operação na qual se almeja transformar a relação entre os sujeitos e o patrimônio, reconhecendo a importância da participação ativa na construção das memórias escolares.

Reconhecer a escola como patrimônio cultural, além de valorizar os bens materiais e imateriais que são próprios da comunidade escolar e da unidade territorial pertencente, é algo paralelo ao processo de valorização do patrimônio humano e afetivo que lhe é próprio. Estamos especificamente falando da comunidade escolar composta por estudantes, seus responsáveis, professores, gestores, atores locais e outros profissionais da educação e das relações sociais, afetivas e profissionais estabelecidas entre eles que potencializam o processo de ensino- aprendizagem na escola. (Brasil, 2022, p. 24).

São a sociomuseologia e a educação patrimonial redefinições da forma como entendemos o patrimônio histórico-educativo. Elas abrem caminho para práticas mais inclusivas e dialógicas, que apostam na possibilidade das práticas e sujeitos preservam o passado, mas também conectam memórias e identidades ao presente e ao futuro da comunidade escolar.



IDENTIDADES, NARRATIVAS E A CONSTRUÇÃO DO PATRIMÔNIO ESCOLAR NO INVENTÁRIO PARTICIPATIVO

O inventário participativo, como metodologia, representa uma ruptura significativa com os paradigmas tradicionais de preservação. Ele desloca o protagonismo dos especialistas para a comunidade, envolvendo diretamente os sujeitos no processo de identificação, seleção e registro dos bens patrimoniais. No contexto escolar, essa abordagem é particularmente poderosa, pois permite que alunos, professores e outros agentes educativos se tornem coautores na construção das memórias institucionais.

O Inventário Participativo constitui-se, portanto, numa ferramenta de Educação Patrimonial com objetivos principais de fomentar no leitor a discussão sobre patrimônio cultural, assim como estimular que a própria comunidade busque identificar e valorizar as suas referências culturais, numa construção dialógica do conhecimento acerca de seu patrimônio cultural. [...] A ferramenta apresenta-se, antes de tudo, como um exercício de cidadania e participação social, de forma que os seus resultados possam contribuir para o aprimoramento do papel do Estado na preservação e na valorização das referências culturais brasileiras, assim como servir de fonte de estudos e experiências no contínuo processo de aprendizado. (Brasil, 2022, p. 52-53).

O caso do Arquivo Histórico da Escola Estadual Dr. Almeida Vergueiro, foi palco privilegiado desse diálogo entre a sociomuseologia e a educação patrimonial. O arquivo foi aos poucos deixando cair o invólucro de uma existência estática e glamourosa distantes dos sujeitos comuns nas práticas ordinárias escolares, em que se pode ver, sem precisar entender e vangloriar sem problematizar, para então se transformar em território dinâmico de diálogo e aprendizado. O envolvimento da comunidade escolar nesse processo não apenas enriqueceu o acervo, mas também possibilitou uma maior identificação dos sujeitos com as histórias ali contidas. Essa transformação reforça a importância de práticas patrimoniais que valorizem as vozes locais, promovendo um senso de pertencimento e responsabilidade coletiva.

Um dos objetivos do Inventário Participativo é fortalecer o sentimento de pertencimento e tornar claro que somos produto de pluralidades culturais que convivem no mesmo espaço em diferentes tempos. Portanto, a construção consciente de narrativas, a gestão coletiva e a comunicação dialógica são conceitos indissociáveis em meio às ações norteadoras desta iniciativa. (Primo; Araujo, 2018, p. 15).

Outro aspecto relevante é a dimensão educativa do inventário participativo. Ao envolver os sujeitos escolares em atividades práticas e reflexivas, a metodologia promove o



desenvolvimento de discussões críticas, como a capacidade de análise histórica e a interpretação cultural. Esses aprendizados transcendem o espaço do arquivo e impactam positivamente o currículo escolar, conectando o patrimônio à formação mais ampla dos alunos.

Ao engajar os alunos e professores no processo de inventário participativo, a proposta estabelece uma conexão entre as práticas escolares e os princípios da sociomuseologia. Os objetos selecionados pelos participantes deixam de ser meras materialidades e passam a ser entendidos como portadores de historicidades significativas, refletindo as memórias e experiências da comunidade escolar.

O ser dos objetos existe na relação com o ser dos outros objetos e o ser humano. Falar sobre objetos é falar necessariamente acerca de nossa própria historicidade. O trabalho pedagógico com o objeto gerador sugere que, inicialmente, sejam exploradas as múltiplas relações entre o objeto e quem o escolheu. Mais cedo ou mais tarde, isso desemboca em outros atos criativos: a relação entre objetos do presente e do passado e o próprio questionamento sobre as divisões entre pretérito e o mundo atual. Tais exercícios vão, pouco a pouco, constituindo base para um relacionamento mais crítico com as exposições museológicas. Mas isso só acontece porque há, antes de tudo, uma abertura de visibilidade, o alargamento da percepção. (Ramos, 2004, p. 62).

A escolha do inventário participativo na construção do arquivo histórico escolar evidencia o potencial das práticas patrimoniais para transformar o ambiente educativo. Mais do que um exercício técnico, a metodologia propõe um diálogo entre as memórias oficiais e aquelas que emergem das vivências cotidianas dos sujeitos escolares. Essa relação dialógica possibilita a ressignificação dos espaços escolares como lugares de memória, conforme conceitos de Pierre Nora (1993).

Essa diretiva abre a possibilidade de múltiplas leituras no presente e no futuro sobre a escola, por parte de investigadores, mas também por parte da própria comunidade escolar. Não serve apenas a uma escrita sobre a escola (no bojo de pesquisas historiográficas ou não), mas atende aos interesses de construção de vínculos entre os fazeres atuais e pretéritos no interior da escola, por parte dos professores, professoras, alunos e alunas, de maneira a construir o arquivo escolar, como defende Nora (1993), em um lugar de memória. Integrada à vida da escola, o arquivo pode fornecer-lhe elementos para a reflexão sobre o passado da instituição, das pessoas que a frequentaram ou frequentam, das práticas que nela se produziram e, mesmo, sobre as relações que estabeleceu e estabelecem com seu entorno (a cidade e a região na qual se insere). (Vidal, 2005, p. 23-24).

O reconhecimento do patrimônio histórico-educativo como um elemento dinâmico e relacional é essencial para a construção de novas formas de pertencimento e identidade. Ao



considerar as vozes da comunidade escolar na construção do acervo, o inventário participativo rompe com práticas hegemônicas e promove uma relação mais inclusiva e transformadora com o patrimônio cultural.

Além disso, a prática do inventário participativo possibilita a construção de uma narrativa mais ampla e representativa do passado e do presente escolar. Essa abordagem ressignifica a função do arquivo histórico, que passa a ser um espaço de diálogo entre diferentes temporalidades, identidades e memórias, enriquecendo o ambiente educativo como um todo.

No caso específico do arquivo histórico da Escola Estadual Dr. Almeida Vergueiro, a aplicação do inventário participativo recuperou não apenas objetos e documentos, mas também histórias e experiências que refletem a diversidade cultural e social da comunidade escolar. Esse processo promoveu uma valorização do patrimônio imaterial, contribuindo para uma compreensão mais ampla e integrada das dinâmicas escolares.

Ao promover uma relação dialógica e horizontal com o patrimônio, a metodologia do inventário participativo desafia estruturas hierárquicas e autoritárias no campo da museologia e da educação. Esse processo enfatiza a importância da participação ativa da comunidade escolar na definição do que deve ser preservado e valorizado.

[...] a memória não é um produto meramente individual, mas coletivo, pois as pessoas recebem influência não apenas da escola e das mídias, mas também das instituições de memória, como os museus. Assim sendo, considera-se que os locais e as instituições que guardam e reproduzem a memória pública são objetos de reconhecimento, nos quais as imagens e as narrativas apresentadas são lembradas e incorporadas como parte da memória social. Entretanto, não podemos esquecer que há escolhas em relação ao que é preservado e ao que é destruído e há critérios nos processos de gerar ou não visibilidade a algo (objeto, patrimônio, monumento, obra de arte, documento). A seleção desses objetos de lembrança é sempre intencional e carregada de sentido, cujos processos seletivos são, de um modo ou de outro, politizados e sobre os quais há divergências e disputas que vão além de mero jogo de oposição entre “memória” ou “esquecimento” e “exibição” ou “silenciamento” (Canclini, 1994). (Pasqualucci, 2022, p. 332).

Esse modelo evidencia a importância de uma abordagem descolonial e dialógica na gestão do patrimônio histórico-educativo, reafirmando o papel da escola como um espaço privilegiado de memória e identidade. A continuidade dessa prática depende, contudo, de esforços institucionais para sua integração nos currículos e políticas educacionais.



CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SE ESGOTAM

O inventário participativo, aplicado ao Arquivo Histórico da Escola Estadual Dr. Almeida Vergueiro, revelou-se prática transformadora no campo do patrimônio histórico-educativo. Ao integrar os princípios da sociomuseologia e da educação patrimonial, essa metodologia promoveu uma relação mais inclusiva e dialógica entre a comunidade escolar e os acervos históricos escolares. Ela redefine o papel do patrimônio, não como um depósito estático de memórias, mas como um espaço dinâmico de construção coletiva de saberes e identidades.

Além disso, o inventário participativo contribui para a formação de um currículo descolonial, que valoriza a diversidade e desafia as hierarquias históricas. Essa prática reafirma o compromisso da escola com uma educação mais crítica e inclusiva, que reconhece as múltiplas vozes e experiências que compõem sua história.

Ao conectar memórias passadas às vivências do presente, o inventário participativo fortalece os laços comunitários e promove uma compreensão mais ampla e democrática do patrimônio histórico-educativo. Ele transforma o arquivo escolar em um espaço vivo de aprendizado e cidadania, reafirmando seu papel como guardião de memórias e promotor de reflexões críticas.

Em suma, o inventário participativo revela-se uma ferramenta poderosa para aproximar a comunidade escolar de seu patrimônio histórico, fortalecendo laços identitários e promovendo uma educação mais crítica e participativa. Ao reconhecer e valorizar as múltiplas vozes que compõem a história da escola, essa prática reflete um compromisso com a justiça social e a diversidade cultural, essenciais para o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva e democrática.

Assim, o inventário participativo transforma o arquivo histórico em um espaço vivo de construção de identidades e saberes, conectando as materialidades do passado às dinâmicas do presente. Ele revela as potencialidades do patrimônio histórico-educativo como uma ferramenta poderosa para a formação da cidadania ao valorizar e preservar trajetórias, histórias e memórias.

Conclui-se que o inventário participativo, enquanto prática sociomuseológica e descolonial, aparece como via privilegiada para repensar o papel do patrimônio histórico-educativo na formação de identidades escolares críticas. Essa metodologia transforma o arquivo escolar em um espaço vivo de construção de memórias e saberes, em sintonia com as demandas contemporâneas por inclusão e diversidade.

Portanto, a experiência do inventário participativo, na Escola Estadual Dr. Almeida Vergueiro, sinalizou para o potencial da sociomuseologia ao integrar as vozes da comunidade



escolar na organização de acervos históricos educativos interrogados no local originário de suas práticas.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Educação patrimonial, diversidade e meio ambiente no Distrito Federal**. Organização, Vinicius Prado Januzzi... [et al.]. Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). Brasília, 2022. 251 p.
- FREIRE, PAULO. **Pedagogia do oprimido**. 76. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Paz e Terra, 2021
- NORA, P. et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 26 set. 2024.
- PASQUALUCCI, Luciana et al. Sociomuseologia, Diversidade e Educação: **e-Curriculum**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 319-346, jan. 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-38762022000100319&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 set. 2024. Epub 06-Maio-2022. <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2022v20i1p319-346>.
- PASQUALUCCI, Luciana; SAUL, Alexandre. Patrimônio e currículo: paradigma (de)colonial, disputas de poder e formação. In: PASQUALUCCI, Luciana; LEMES, David de Oliveira (orgs.). **Museologia, cultura e educação: diálogos interdisciplinares na contemporaneidade**. São Paulo: EDUC: PIPEq, 2022. p.19-46.
- PRIMO, Bárbara Primo; ARAUJO, Mirela (org.). **Inventário participativo: pessoas e memórias**: Museu de Arqueologia de Itaipu. Rio de Janeiro: Data Coop, 2018.
- PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mario. Referências teóricas da Sociomuseologia. In: **Introdução à Sociomuseologia**. Lisboa, Portugal: Edições Universitárias Lusófonas, 2020. p. 17-34.
- PRIMO, Judite; SOTO, Moana. Pelos caminhos da museologia e da educação: sociomuseologia, cidadania e diversidade cultural. **Cadernos de Sociomuseologia**, 63(19), 09-20, 2022.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117-142
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do Objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Editora Argos, 2004.
- TOLENTINHO, Átila. Educação patrimonial na escola, com a escola e para além da escola: uma conversa com professoras e professores em diálogo com Paulo Freire. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 63, n. 19, p. 107-116, 24 jun. 2022.



VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e prática escolar: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. *In*: SOUZA, Rosa F.; VALDEMARIN, Vera T. (orgs.) **A cultura escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: autores Associados, 2005.

Recebido em: 30 de outubro de 2024

Aceito em: 30 de dezembro de 2024